

## Estranhos Íntimos: Episódios com Meu Pai<sup>1</sup>

Vincenzo Di Nicola<sup>2</sup>

*Penso a humanidade como  
uma família que mal se conheceu.*

Theodore Zeldin (2008)

### Resumo

*Nessas memórias contadas em quatro episódios, o autor, um psiquiatra infantil e psicoterapeuta familiar italiano que vive no Canadá, revisita seus encontros episódicos com seu pai, de seu primeiro encontro até sua morte. O primeiro episódio relembra quando, já adulto, ele conheceu seu pai italiano pela primeira vez, no Brasil. Escreveu suas memórias para a revista *Terapia Familiare* sobre aquele emocionante encontro intitulado “Estranhos nunca mais” (Di Nicola, 1995). Após quase 20 anos de encontros episódicos entre pai e filho e familiares, o autor revisita seu relacionamento com seu pai e sua família brasileira, seguindo a morte de seu pai no segundo episódio. Postergado e episódico por um lado, provocativo e profundo por outro, o terceiro episódio descreve o enigma da vida de seu pai com a metáfora de “A Terceira Margem do Rio”, após um clássico conto brasileiro (Guimarães Rosa, 1962). Encaminhando-se para o fim da sua vida, com uma última e surpreendente revelação sobre os mistérios de sua ausência, seu pai permite ao autor reconhecer, retrospectivamente, que eles foram familiares, mas desconhecidos um do outro. No quarto episódio, essa série de encontros episódicos, mas profundos, com o homem que se tornou um estranho íntimo é entendida como nada menos do que um evento na vida do autor, abrindo possibilidades, transformando tudo. As memórias encerram-se com uma coda de reflexões para terapeutas sobre o pensamento slow e a terapia do evento, que não tem outro objeto a não ser a si próprio.*

**Palavras-chave:** *relações familiares; relação pai-filho; estranho íntimo.*

---

1 Publicado em um número especial sobre pais da revista *Terapia Familiare* (Roma, Itália) e em um livro publicado por Maurizio Andolfi e Antonello D’Elia (Milão: FrancoAngeli). Traduzido do inglês por Vanessa Di Nicola Bertuzzi com o auxílio de Jackie Massagardi Mendes, Maria Inês Santos Rosa e Letícia Castagna Lovato.

2 Vincenzo Di Nicola, médico psiquiatra, terapeuta familiar e filósofo, trabalha com crianças e famílias na Universidade de Montreal, onde é Professor Titular de Psiquiatria. E-mail: vincenzodinicola@gmail.com.

### ***Intimate Stranger: Episodes with My Father***

#### **Abstract**

*In this memoir told in four episodes, the author, an Italian child psychiatrist and family psychotherapist who lives in Canada, revisits his episodic encounters with his father from their first meeting to his father's death. The first episode recalls how he met his Italian father for the first time in Brazil as an adult. He wrote a memoir for *Terapia Familiare* about that emotional encounter entitled, "Strangers No More" (Di Nicola, 1995). After almost 20 years of episodic father-son and family encounters, the author revisits his relationship with his father and his Brazilian family following his father's death in the second episode. Deferred and episodic on one hand, provocative and profound on the other, the third episode describes the enigma of his father's life with the metaphor of "The Third Bank of the River," after a classic Brazilian short story (Guimarães Rosa, 1962). Towards the end of his life, with a final, startling revelation about the mysteries of his absence, his father allows the author to recognize retrospectively that they have been familiar but unknown to each other. In the fourth episode, this series of episodic yet profound encounters with the man who became an intimate stranger is understood as nothing less than an event in the author's life, opening possibilities, transforming everything. The memoir closes with a coda of reflections for therapists on slow thought and eventual therapy that has no other object than itself.*

**Keywords:** *familial relationship; father-son relationship; intimate stranger.*

#### **Estranhos nunca mais**

Minhas primeiras memórias sobre meu pai chamam-se "Estranhos nunca mais". Elas recontam a esperançosa história de minha viagem ao Brasil, em 1994, para encontrar meu pai Giuseppe, em Jundiaí, São Paulo, realizada pela primeira vez com meu filho, Carlo, que tinha 10 anos. Além de meu pai, conhecemos sua esposa brasileira, Mira, e também seus filhos e netos. Meu pai estava tão tocado pela nossa visita que insistiu em conhecer o resto de minha família e, em duas semanas, a mãe de Carlo e nossa filha, Nina Mara, que tinha 7 anos, juntaram-se à reunião familiar no Brasil.

Em nosso retorno, escrevi sobre minha jornada no Brasil. Criado na Itália e no Canadá por minha mãe, Nena, e sua família, eu tinha me tornado um psiquiatra e um terapeuta familiar, e a história de minha família foi publicada em italiano na revista *Terapia Familiare* (Di Nicola, 1995), em inglês na *Family Therapy Networker*

(Di Nicola, 1996), e mais tarde, traduzida em muitas línguas, notavelmente em espanhol e português. Curiosamente, essas são as línguas que meu pai falava e na ordem em que ele as viveu em sua vida – italiano, espanhol e português.

Naqueles dias, meu pai havia me perguntado sobre meu trabalho. Quando eu disse a ele que era um psiquiatra infantil, trabalhando com crianças e famílias interculturais como um terapeuta familiar, ele disse em italiano, sorrindo ironicamente, “*Então você está trabalhando em seu próprio caso!*” De fato, eu estava e aquele encontro me libertou e desencadeou em mim uma fonte de energia para escrever, de autobiografia à poesia, e de ficção à filosofia. Na verdade, aquela carta tornou-se o capítulo final de meu livro sobre Terapia Familiar Cultural (Di Nicola, 1997), felizmente traduzida para português, um ano mais tarde, como *Um Estranho na Família* (Di Nicola, 1998). Meu livro conclui com essa lição de vida:

*Alguns dizem que você não pode voltar para casa; outros dizem que você pode e deve. Eu digo: nunca deixamos nossa casa, e como um caracol preso à sua concha carregamo-la conosco onde quer que formos.*

### **O cartão-postal**

*Uma carta sempre chega ao seu destino.*

– Jacques Lacan (1998)

Muito antes, em 1983, quando eu estava para me casar com a mãe dos meus filhos e ainda desconhecendo meu pai, recebi um cartão-postal em Montreal de um lugar que eu não reconhecia, chamado Jundiaí – São Paulo, e assinado em inglês: “Luis Eduardo, seu meio-irmão do Brasil!” Edgar Allan Poe escreveu um romance policial sobre uma carta que é roubada em frente à pessoa a quem havia sido destinada, escondida à vista de todos, e eventualmente entregue ao destinatário. Como o psicanalista Jacques Lacan observou sobre aquela carta literária, o cartão-postal de Luis Eduardo chegou ao seu destino. E, embora tenha sido deixada à vista de todos, a pessoa a quem ela se destinava – eu – não recebeu a mensagem de imediato.

O cartão-postal me convidava para participar de uma família brasileira onde eu tinha certa presença, mas que só havia criado uma ausência em minha vida. Tendo acabado de iniciar minha residência em psiquiatria, às vésperas de me casar, deixei o cartão-postal – que revelava um maremoto de possibilidades – de lado. Senti que estava em um dilema relacional, uma situação que rompe fronteiras e abre espaço. Mas estava no meio de outra abertura – a vida matrimonial e uma família – e eu não estava pronto.

Não respondi a Luis Eduardo.

Mais tarde, soube que ele havia escrito tal cartão-postal em um momento de crise, tentando encontrar um porto seguro em sua vida. Depois de a mãe de sua noiva ter proibido seu casamento, Luis Eduardo estava à deriva. Já grávida, sua noiva corajosamente escolheu ter seu bebê, casou-se com outro homem, e criou a sua filha, chamada Thais, em sua nova família.

Após conhecer meu pai e Mira além de seus outros filhos brasileiros – meus irmãos Carmen Silvana e sua filha Vanessa, José Carlos e seu filho Pier Riccardo, e Julio César – eu tive uma surpresa final e agradável, quando uma adorável jovem apareceu à porta de meu pai e olhou para mim como se procurasse algo. E quando eu procurei pelo rosto de meu pai para entender o significado desse encontro silencioso, ele disse com seu jeito de falar baixinho, “*Essa é Thais, filha de Luis Eduardo.*” Seus olhos grandes e brilhantes buscavam em minha face traços de seu pai, apelidado de Dudu pela família. Nunca tendo conhecido seu pai, Thais sentiu uma vicária ligação comigo como outro membro estranho na família, assim como seu pai e ela. E como eu, ela era uma estranha que veio para casa. Depois desse encontro, Thais veio morar com a família de meu pai em Jundiaí.

Quando meu pai faleceu em junho de 2013, vim de Montreal para Jundiaí para estar com minha família brasileira para o funeral. Ao mesmo tempo, minha noiva brasileira, Letícia, estava prestes a vir para Montreal para conhecer minha família no Canadá pela primeira vez. Entrei em contato com Thais novamente para convidá-la para o funeral de seu avô. Ela estava feliz por ter notícias minhas novamente, entristecida pela notícia, e preocupada em não ser bem recebida pela família por ter se afastado deles novamente. Minha família brasileira não conhecia seu marido e seus dois filhos. Com uma surpreendente segurança, disse a ela: “*Estou te convidando e você pode me acompanhar.*”

Ela compareceu ao funeral comigo, dois estranhos, em diferentes formas, em nossa própria família brasileira. Assim, reconstruímos a família Di Nicola no Brasil. Ela soube do destino de seu pai na Itália e solucionamos outra dúvida em sua mente: sim, ela tinha um meio-irmão morando lá! Ela havia confundido os nomes e os lugares e nunca o havia encontrado. Pensava que ele se chamava Luca, mas seu nome é Samuele e ele vive em Lecco, perto de Milão. Naquela mesma noite, ela conseguiu encontrá-lo através das mídias sociais!

Agora, como o mais velho Di Nicola na família – com o pai de Thais e nossos dois irmãos brasileiros já falecidos – havia me tornado, então, o patriarca da família Di Nicola em três continentes. Letícia juntou-se a mim no aeroporto de Guarulhos, em São Paulo, onde eu havia encontrado meu pai, 19 anos antes, e seguimos para Montreal.

O cartão-postal de Luis Eduardo chegou ao seu destino, mas a pessoa a quem ele se endereçava entendeu-o somente três décadas mais tarde. E sua mensagem silenciosa ecoa dentro de meu peito até se tornar um rugido. Como a voz mística nas Cavernas de Marabar do romance de E. M. Forster, *Uma Passagem para a Índia* (2005), o significado dessa máxima move-me até me levar aos limites do que posso suportar e então, pouco antes de romper, no limiar de uma loucura purificadora, consola-me:

*Conecte-se.*

### **Na terceira margem do rio**

No final, não vejo meu pai de forma resolúvel. Seja em minha mente ou em meu coração, não consigo compreender sua vida por completo. Havia sempre somente um caminho aberto: simplesmente passar tempo com ele, estar presente com ele, e viver o momento. É o que significa ser um filho.

E agora, não há mais momentos, e meu pai continua um enigma. Aos 60 anos, tornei-me um homem. *Era tempo*, como São Paulo aconselha em sua Primeira Carta aos Coríntios, *de deixar as coisas de menino*.

De filho a patriarca. Tudo que era necessário foi uma morte e uma abertura. Com a morte de meu pai e o retorno da filha de Luis Eduardo, Thais, à sua família paterna de origem, eu estava pronto para ser um homem e me casar com minha noiva brasileira, Letícia.

Em seu evocativo romance, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, Saramago (1984) lança Ricardo Reis, um heterônimo do poeta português Fernando Pessoa, à sua morte sem completar seu manuscrito de poemas a fim de “livrar o mundo de mais um enigma”. Ao contrário de Saramago a quem chamo de *o mago amargo*, o amargo senão brilhante mago das cartas portuguesas, eu posso tolerar enigmas em minha vida.

Um dos enigmas da história da minha família foi a questão existencial do porquê meu pai abandonou minha mãe, logo após minha concepção, para retornar à América Latina. Ele simplesmente parece ter desaparecido e nem mesmo as autoridades italianas e canadenses conseguiram descobrir seu paradeiro. Minha mãe e eu passamos décadas vivendo aquela ausência e aquele mistério até meu pai revelar a fonte de tal enigma poucos meses antes do derrame cerebral que eventualmente tirou sua vida.

Com grande clareza de propósito e pulsão narrativa, meu pai sentou-se ao meu lado para me contar essa parte crucial de sua história de vida. Na Itália, ele havia sido secretário do Internacional Socialista que o enviou a uma missão na

América Latina, durante uma época de ditaduras militares e militância esquerdista. Ele foi primeiramente enviado à Venezuela.

Um dia, devido a uma doença, ele perdeu uma reunião de seus companheiros socialistas em Caracas, sendo todos eles presos e mais tarde mortos. Foi-lhe avisado que ele estava sob risco de morte e um plano foi elaborado para sua fuga secreta do país. Com detalhes vívidos em sua memória 60 anos mais tarde, ele reviveu comigo sua fuga de carro e ônibus, evitando aeroportos, portos e estações de trem, nomeando estradas, ônibus e horários como se tivesse viajado por eles alguns dias antes. Meu pai tinha uma mente brilhante, mas estas são marcas de uma memória traumática.

Em La Paz, Bolívia, o embaixador italiano disse-lhe que estaria a salvo com amigos em São Paulo, Brasil, mas quando ele chegou, se sentiu intensamente desconfortável e sob escrutínio, partindo então para Buenos Aires, Argentina. Anteriormente, ele havia me contado sobre suas curtas experiências naquele lugar, onde os *porteños* (nativos de Buenos Aires) desrespeitosamente chamavam os italianos *tanos* (de *napoletanos*, nativos de Nápoles). Eventualmente, ele voltou para São Paulo, onde fez uma nova vida com sua família brasileira.

Eu não tive tempo para reconstruir de que maneira sua viagem de volta para a Itália, a fim de encontrar minha mãe, se encaixa na história. Em algum lugar, entre sua estadia em La Paz e seu estabelecimento em São Paulo, ele retornou à Itália e à noiva que o esperava. O plano era que eles se estabelecessem em São Paulo. Já concebido na Itália, meu destino – o qual meu pai acreditava – era nascer em São Paulo. Algo interveio. Apavorado, fugindo por sua vida, meu pai passou a esconder-se, reconstruindo uma vida paralela em São Paulo, uma cidade e um estado grandes o suficiente onde se perder.

Isto explica porque não pudemos encontrá-lo. Porém, algo aconteceu. O destino no qual meu pai encontrou refúgio eventualmente rompeu essa máscara de ocultamento e seu filho, Dudu, me escreveu aquele fatídico cartão-postal. E através de seu cartão, encontrei nosso pai. Dudu estava perdido então, mas onze anos mais tarde, sua mensagem chegou. A conexão estava feita.

\* \* \*

Outro mestre das cartas portuguesas, o diplomata e escritor brasileiro Guimarães Rosa (1962) escreveu um conto que serve como a última palavra a respeito do meu pai, “A Terceira Margem do Rio”. Neste conto que ressoa um jogo de palavras idiossincrático e um realismo mágico, um pai que não consegue ser entendido por seus filhos decide entrar em um rio com uma canoa. Lá, ele rema

dia após dia para depois somente estar inerte, evitando voltar a qualquer das margens do rio, mas criando por seus esforços uma terceira margem.

Na verdade, moro em uma ilha chamada Montreal, no meio de um rio chamado São Lourenço. Aqui, falamos de margem norte e margem sul. A ilha por si só é, para mim, a terceira margem do rio. Em um país dividido entre os primeiros povos e as raças fundadoras, entre as maiorias e minorias anglofônicas e francofônicas e em uma vida distribuída entre minhas raízes europeias (nasci na Itália onde meu filho, Carlo, está trabalhando para as Nações Unidas em Roma) e meus ramos norte americanos (minha filha, Nina Mara, está estudando medicina em Montreal), entre a prática da psiquiatria e minhas investigações filosóficas, há uma terceira opção: uma recusa de códigos binários e escolhas dicotômicas, e um abraço de dialética para criar uma síntese.

Aqui em Montreal, onde inglês e francês vivem no passado, proclamando vitórias, fiz minha síntese, vivendo no presente em italiano e português. Aqui no norte, poesia e ficção me permitem navegar entre psiquiatria e filosofia, enquanto minha família brasileira representa o que Santos (2009) chama de epistemologia sulista. Eu chamo de síntese e não foi nada menos do que um evento em minha vida, como o filósofo Badiou (2008, 2009) define, abrindo novas possibilidades, chamando por ambas mudanças radicais e fidelidade firme, fazendo de mim um sujeito de sua verdade. Ao contrário de meu pai e minha esposa, rejeito a ideia de destino e reconheço a radical contingência de nossas vidas. Não há nenhuma mão guiadora, sorte sombria ou destino maravilhoso. As coisas acontecem. Das coisas que vêm a acontecer, fazemos escolhas e atribuímos significado.

Psicólogo junguiano de Quebec, Guy Corneau (1989) escreveu que um homem nasce três vezes em sua vida. Eu nasci de minha mãe na Itália, depois de meu pai no Brasil e agora, finalmente, de mim mesmo em Montreal.

*Aqui, na terceira margem do rio, remando furiosamente para evitar colidir com as margens norte ou sul, junto-me ao meu pai no fluxo heraclitano, onde o rio sempre muda – e a mudança é a própria vida.*

## O evento

*O que nos dirá a filosofia?*

*Devemos pensar o evento, devemos pensar mudança na vida.*

– Alain Badiou (2009)

Não por destino ou desígnio, mas por acaso, cresci sem um pai, experimentando o que Jean-Paul Sartre (1964) descreveu na autobiografia de sua infância

sem pai, *Les Mots* – “As Palavras”, como é não estar conectado com o poder, meios de produção, e não ter importância no mundo devido à ausência de um pai.

Uma curiosidade maior do que minha vida e um desejo que não é meu levaram-me a encontrar o estranho que era meu pai. Não por obrigação, mas por escolha, tornei-me mais íntimo dele por quase 20 anos. O título de minha primeira carta a ele, “Estranhos nunca mais”, foi mais esperançoso do que verdadeiro. Seria mais verdadeiro dizer que meu pai e eu tornamo-nos estranhos íntimos – familiares, mas ainda desconhecidos um ao outro.

Conhecer esse “estranho íntimo” me permitiu explorar o limiar entre o estranho e o familiar, América do Norte e do Sul, contrastar a lógica cartesiana com epistemologias sincréticas sulistas e aprender um novo idioma e uma nova forma de ser. Não foi em sua vida, mas em sua morte, que compreendi por completo – lastimoso, mas agradecido – por um evento ter ocorrido em minha vida...

Chegou sem alarde ou preparação, mas quando o momento chegou, reconheci-o e tomei posse dele, arriscando tudo – mais do que estou disposto a dizer – e apesar de ter demorado a nomeá-lo, permaneço fiel a ele, a um alto custo e para um grande benefício, mas essas não são as coisas que um indivíduo quer ou traça.

*A gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso?*

- João Guimarães Rosa (1956)

A vida é perigosa e cheia de riscos. E a filosofia, que é a arte de viver, é nada mais que descuidada, como Badiou (2009) afirmou. E em nosso descuido, terminamos em outro lugar, não onde esperávamos. Todavia, se é um evento autêntico em nossas vidas, este ilumina e muda tudo, dividindo nossas vidas entre o antes e o depois.

E tal evento torna-se (através de uma ação postergada que Sigmund Freud chamou *nachträglich* e Jacques Lacan renomeou-a *après-coup*) um suplemento para tudo que vem depois. Tudo é vivido, tudo faz sentido através do prisma do evento.

Minha fidelidade a esse evento, conforme ele se revela e irradia em minha vida, me permite trabalhar com famílias desta forma também: aguardando, esperançosamente, por um evento inesperado que poderá mudar tudo. Como um terapeuta, não foi somente meu pai que se tornou um estranho íntimo, mas também as famílias que vêm a mim como estranhos para revelar seus dilemas relacionais íntimos em sua busca por sentido e significado.

*Agora vejo não somente meu pai, mas toda a humanidade como uma família que mal conheci.*

### **Coda Pensamento lento: rumo à terapia do evento**

*Pergunta: “Como um filósofo dirige-se ao outro?”*

*Resposta: “Não tenha pressa.”*

– Ludwig Wittgenstein (1980)

Como na história da minha família, minha carreira como terapeuta é dividida em duas partes: no limiar – esperando algo acontecer, e o evento – vivendo uma vida após seu acontecimento.

Após trabalhar em meu aperfeiçoamento profissional em Terapia Familiar com Maurizio Andolfi em Roma, eu estava em tal limiar, mas ainda esperei sete anos para conhecer meu pai no Brasil. O momento certo tinha que surgir e aquele momento veio como uma crise em minha vida quando eu não podia mais adiar o encontro. Em minha primeira carta ao meu pai, refleti sobre o que eu tinha aprendido como um terapeuta desde aquele primeiro encontro com ele. E este é o cerne da questão: Não tenha pressa. A vida aconselha paciência.

Agora, depois daquele primeiro encontro e outros em 20 anos, o que aprendi como terapeuta? O antídoto contra a depressão e desespero ou um esforço ilusório impossível para recuperar o que perdemos – ou nunca tivemos – está na sabedoria da lentidão. Nos passos do *Slow Movement* (Movimento Lento) que começou em Roma (Petrini, 2009), escrevi meu “Manifesto do Pensamento Slow” (Di Nicola, inédito). Pensamento lento é uma forma de auto-cuidado e uma preparação para a terapia baseada no evento.

Giorgio Agamben (2008b) escreveu lindamente sobre a filosofia da infância. Agamben (2008a) conduz “arqueologia filosófica”, delicadamente minando os recursos de nossa herança latina.

Os latinos tinham uma expressão singular, *vivere vitam*, que passou para as línguas românicas modernas como *vivre sa vie*, *vivere la propria vita* (viver sua própria vida). A força transitiva total do verbo “vivere” deve ser restaurada aqui; uma força, no entanto, não assume um objeto (este é o paradoxo!), mas, por assim dizer, não tem nenhum objeto que não a própria vida. A vida aqui é uma possibilidade, uma potencialidade que nunca se esvai em fatos biográficos e eventos, já que não tem outro objeto além de si própria (Agamben, 1996).

Nosso trabalho como terapeutas, assim como a vida, é uma possibilidade que nunca se exaure. Agamben nos lembra de viver nossas próprias vidas. Se esperar para conhecer meu pai ensinou-me a ter paciência, meus encontros com

ele me ensinaram que *a vida não tem outro objeto além de si*. Como a vida, a terapia do evento legaliza uma força transitiva que não tem objeto: simplesmente se apresenta.

Um evento emerge de uma ruptura em nosso mundo ou situação que eu chamo de dilema relacional (Di Nicola, 1997). As consequências de tal ruptura criam as condições para a mudança: fechamos (e esse fechamento provoca *trauma*) ou abrimos (e algo novo poderia acontecer em nossas vidas, o qual se chama *evento*). Portanto, da ruptura e dilema relacional, dois extremos podem ocorrer: *trauma* e *evento*. *Terapia do limiar*, que descreve meu trabalho em terapia familiar cultural pelos últimos 30 anos, lida com famílias em transição, no limiar, passando por uma rápida mudança cultural (Di Nicola, 2004).

*Terapia do evento* guia as pessoas para além das situações de ruptura, curando o trauma quando possível, lidando com ele da melhor forma possível, e preparando para a possibilidade de um evento em suas vidas. Uma vez ocorrido o evento, a terapia os ajuda a aprender com as consequências. Um evento é contingente, o que significa que é imprevisível. Como observado, não há destino ou sina, de forma que devemos abandonar a noção popular de coisas que eram para ser. Isso torna a vida – e a *terapia* – arriscada e vertiginosa. Larga a ilusão de controle e desfechos certos, mas admite a possibilidade de uma real mudança.

“Induzir à crise” para fins terapêuticos (como na terapia familiar estrutural de Minuchin; Minuchin & Barcai, 1969) ou manipular os parâmetros da terapia “escolhendo um foco” ou “acelerando o ritmo” (como na psicoterapia breve; Malan, 1999), para não dizer “corrigir distorções cognitivas” (como na terapia cognitiva de Beck, 1972) são meios tecnocráticos para fins instrumentais. Por serem externamente impostos e artificialmente escolhidos, as mudanças que tais terapias devem induzir são concretas e transitórias. Estas e muitas outras intervenções nas psicoterapias tentam criar uma ruptura ou modificar o *lugar do evento* na linguagem filosófica de Badiou (2009) ou o *dilema relacional* na minha (Di Nicola, 1997, 1998).

Deixe-me juntar tudo isso voltando para meu próprio caso, como meu pai observou.

Apesar de ter resolvido encontrar meu pai com sinceras intenções anos antes, foi necessário um dilema relacional, uma ruptura em minha vida, para criar uma abertura para verdadeiramente fazer isso. Tal abertura foi um acontecimento, não uma escolha. Foi arriscado. Meu pai poderia ter recusado ou feito com que fosse doloroso; poderia ter sido traumático. Mas eu senti que os mesmos dilemas relacionais e risco ofereciam outra possibilidade. Somente ao

fazer a viagem para conhecê-lo, identificando e testemunhando nosso encontro publicamente em meu relato escrito sobre ele, e finalmente, sendo fiel ao evento, tornei-me o que Badiou chama de sujeito. A melhor maneira de entender isso é dizer que eu fui sujeito à verdade do evento. Isso significa que o evento precede o sujeito. Desta forma, encontrar meu pai e minha família brasileira foi um evento que me sujeitou a tal verdade. Isso é terapia sistêmica com psicologia relacional que sustentam que o indivíduo emerge das interações familiares, não o contrário. Essas, portanto, são as três condições do evento e para se tornar um sujeito genuíno: viver o evento, identificá-lo e testemunhá-lo, e ser fiel à sua verdade.

Na sociedade inoperante (Agamben, 1993; Nancy, 2001) marcada pela velocidade e pelo positivismo – *fast food* e soluções rápidas, recompensas tangíveis e resultados mensuráveis – eventos verdadeiros são tão raros quanto sujeitos genuínos. A terapia não pode induzir ou ocasionar o evento, somente nos preparar para reconhecer a verdade do evento e integrar aquela verdade às nossas vidas como sujeitos fiéis. Para usar uma metáfora que leitores brasileiros entenderão, a *terapia do evento* não trará o Messias, mas poderá anunciar sua vinda, como São João Batista ou testemunhar sua presença, como São Paulo de Tarso, cuja vida e o mundo foram para sempre transformados.

*Como a máxima latina vivere vitam que não tem outro objeto que não a si própria, a terapia do evento aconselha paciência e pensamento lento.*

## Referências

- Agamben, G. (1993). *A comunidade que vem*. Lisboa: Editorial Presença.
- Agamben, G. (1996). Per una filosofia dell'infanzia. In F. La Cecla (a cura di), *Perfetti & invisibili: L'immagine dei bambini tra manipolazione e realtà*. Milano: Skira.
- Agamben, G. (2008a). Archeologia filosofica. In *Signatura Rerum: Sul Metodo* (pp. 82-111). Torino: Bollati Boringhieri.
- Agamben, G. (2008b). *Infância e história: Destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Badiou, A. (2008). A filosofia de Alain Badiou em perspectiva. Entrevista de Alain Badiou a Norman R. Madarasz e Marios Constantinou. *Éthica: Cadernos Acadêmicos*, 14(2), 21-40.
- Badiou, A. (2009). *Second manifeste pour la philosophie*. Paris: Éditions Fayard.
- Beck, A. T. (1972). *Depression: Causes and treatment*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

- Corneau, G. (1989). *Père manquant, fils manqué. Que sont les hommes devenus?* Montréal: Éditions de l'Homme.
- Di Nicola, V. (1995). Non più estranei: Un terapeuta familiare incontra suo padre. *Terapia Familiare*, 49, 75-89.
- Di Nicola, V. (1996). Strangers no more: A family therapist meets his father. *Family Therapy Networker*, November-December, 38-46.
- Di Nicola, V. (1997). *A stranger in the family: Culture, families, and therapy*. New York and London: W.W. Norton & Co.
- Di Nicola, V. (1998). *Um estranho na família: Cultura, famílias e terapia*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Di Nicola, V. (2004). Famiglie sulla soglia. Città invisibili, identità invisibili. In M. Andolfi (ed.), *Famiglie immigrate e psicoterapia transculturale* (pp. 34-57). Milan: FrancoAngeli.
- Di Nicola, V. (2011). *Letters to a young therapist: Relational practices for the coming community*. New York and Dresden: Atropos Press.
- Di Nicola, V. (inédito). *Pensamento slow: Manifesto pela psicologia do evento*.
- Forster, E. M. (2005). *Uma passagem para a Índia*. São Paulo: Biblioteca Azul Editora.
- Guimarães Rosa, J. (1956). *Grande sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- Guimarães Rosa, J. (1962). A terceira margem do rio. In *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio/Nova Fronteira.
- Lacan, J. (1998). O seminário sobre "A carta roubada" (1956). In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Malan, D. H. (1999). *Individual psychotherapy and the science of psychodynamics*. 2<sup>nd</sup> ed. Oxford, OK: Butterworth-Heinemann.
- Minuchin, S., & Barcai, A. (1969). Therapeutically induced family crisis. In J. H. Masserman (ed.), *Science and psychoanalysis*, Vol. 14, (pp. 195-205). New York, NY: Grune & Stratton.
- Nancy, J. (2011). *La communauté désouevrée*. Paris: Christian Bourgeois Éditeur.
- Petrini, C. (2009). *Slow food: Princípios da nova gastronomia*. São Paulo: Editora Senac.
- Santos, B. S., & Meneses, M. P. (2009). *Epistemologias do sul*. Coimbra: Edições Almedina.
- Saramago, J. (1984). *O ano da morte de Ricardo Reis*. Alfragide, Portugal: Editorial Caminho.
- Sartre, J. (1964). *As palavras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

- Wittgenstein, L. (1980). *Culture and value*. Introduction by G. Von Wright, and translated by P. Winch. Oxford: Basil Blackwell.
- Zeldin, T. (2008). *Uma história íntima da humanidade: Edição de bolso*. Rio de Janeiro: Editora BestBolso.

Enviado em 18/10/2017

1ª revisão em 22/04/2018

2ª revsão em 22/02/2018

Aceito em 23/02/2018